



## SAMBA, POLÍTICA E (RE)EXISTÊNCIA: DOIS SAMBAS DE ENREDO COMO ESTUDO DE CASO DE UMA LITERATURA MENOR

Wesley de Jesus Barbosa\*

### Resumo:

O presente artigo pretende articular o conceito de Literatura Menor de Gilles Deleuze e Félix Guattari com a literatura de sambas de enredo do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Por seu conteúdo político, poético, transgressor, numa língua menor, fazendo-se falado numa língua maior, que o samba produz um tipo de literatura (re)existente. Ou seja, apesar dos processos de captura, vozes negras ecoam como resistência, projetando novas formas de existência. Para isso, o samba será entendido como multiplicidade, turbilhão de muitas coisas, conexões, agenciamentos. Tal noção, implicará a análise de dois carnavais da G.R.E.S. *Unidos do Viradouro*, são eles: o de 2020, *Viradouro de Alma Lavada* e o de 2023, *Rosa Maria Egípcíaca*. A interpretação destes carnavais passa pela leitura das obras inspiradoras do enredo, ou seja, a monumental tese de doutorado de Harue Tanaka Sorrentino, *Articulações Pedagógicas no Coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico* e o livro do antropólogo Luiz Mott, *Rosa Egípcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Além dos desfiles, propriamente ditos, e a poesia. Diante deste instrumental, muitos temas surgem, como a interdisciplinaridade, o machismo na música, a história de mulheres negras.

**Palavras-chaves:** Samba, canto de trabalho, religiosidade afro-brasileira e (re)existência.

## SAMBA, POLITICS AND (RE)EXISTENCE: TWO PLOT SAMBAS AS A CASE STUDY OF MINOR LITERATURE

### Abstract:

This article aims to articulate the concept of Minor Literature by Gilles Deleuze and Félix Guattari with the samba literature of the Carnival plot in the city of Rio de Janeiro. Due to its political, poetic, transgressive content, in a smaller language, being spoken in a larger language, samba produces a type of (re)existing literature. In other words, despite the capture processes, black voices echo as resistance, projecting new forms of existence. To this end, samba will be understood as multiplicity, a whirlwind of many things, connections, agencies. This notion will imply the analysis of two G.R.E.S. carnivals. United from Viradouro, they are: the 2020 one, *Viradouro de Alma Lavada*

---

\* Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF). E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com



and the 2023 one, *Rosa Maria Egipcácia*. The interpretation of these carnivals involves reading the works that inspire the plot, that is, the monumental doctoral thesis by Harue Tanaka Sorrentino, *Pedagógic Articulations in the Coro das Ganhadeiras de Itapuã: an ethnographic case study* and the book by anthropologist Luiz Mott, *Rosa Egipcácia : An African Saint in Brazil*. In addition to the parades, themselves, and the poetry. In front of this instrumental, many themes emerge, such as interdisciplinarity, machismo in music, the history of black women.

**Keywords:** Samba, work song, Afro-Brazilian religiosity and (re)existence.

## Introdução

A psicologia do sujeito só pode ser social porque toda psicologia social é do sujeito. Quando o social é reduzido ao indivíduo, o sujeito é desfigurado neste individual castrado, molenga e decrépito. Quando o indivíduo, lido como/pelo sujeito, é morto pelo social como só coletivo, o fascismo extermina o singular pelo grito da vontade pujante do partido, da sociedade, do grupo. Na tensão sujeito e sociedade que é possível a existência de ambos. Do mesmo modo, a psicologia que se resolve por si só é tão insossa quanto uma história que pretende dar conta da totalidade com fidedignidade. A psicologia é, na medida em que é história e histórica. A história, não como descrição da verdade, mas como impulso libidinal do historiador, enquanto mago do tempo, inventor do texto como dispositivo capaz de dar conta das demandas do presente. História e psicologia não estão separadas por um abismo, mas se copertencem numa relação: a filosofia como ferramenta articuladora destes saberes. A filosofia é o martelo capaz de destruir a psicologia e a história, assim como se autodestruir, para de seus escombros construir um conhecimento interdisciplinar condizente com uma realidade o tempo todo fluída, caótica, inapreensível. O incômodo que almejamos levar ao leitor ao avançar na leitura é se perguntar se o texto não é histórico demais para uma psicologia, ou psicológico demais para uma história, ou filosófico demais para uma psicologia e uma história. Ou psicanalista demais para uma esquizoanálise, ou institucionalista demais para uma psicologia social. O leitor escravizado pelas categorias semânticas como verdades ficará desassossegado, em linguagem destes tempos estranhos, quem permanecer na bolha disto ou daquilo, acabará por sucumbir por inanição, incapaz de



comer dos pratos saborosos dos *chef's* diversos e múltiplos da cozinha do real multifacetado e disforme. Sentimentos como raiva, impaciência, vontade de agredir, tenderão a desabrochar-se como reação ao texto que não é psicológico, nem histórico, nem filosófico, nem weberiano, nem marxiano ou marxista, nem psicanalítico, nem esquizoanalista ou positivista, nem anarquista, que dirá institucionalista, porque não ser nada disto é estar livre para ser tudo isto, poético, filosófico, escárnio e brincadeira, zombaria e samba. Não gostamos dos nomes que aprisionam, mas da música que transforma palavras em som para nos libertar da cadeia moral conceitual, num levantar-se das masmorras do conhecimento para dançar e sorrir o baile do Inconsciente.

Todas estas torcidas organizadas da epistemologia são campos estacionários, ficções necessárias para conter a angústia de uma vida que não faz o menor sentido. Não é intenção desmascarar estes axiomas para desamparar os seus crentes com o abismo e o nada. Mas a covardia de alguns em perceber que por trás das coisas não tem nada, que a vida não tem finalidade alguma, nenhum destino ou explicação, e que o mundo é uma criação nossa, produto de nossa apreensão sensorial, que não existe por si mesmo, nós que o significamos dando-lhe sentido, não deve nos tolher de nossa avaliação pessimista, porém poética de nosso estudo. É quando o niilismo hiperbólico funda o seu baluarte que restauramos a nós mesmos do nada originário numa significação estruturante que dê conta de nos manter vivos. Deste perspectivismo como perspectividade que caminharemos, mais seguros e prontos a nos questionar se o nosso pensamento não se tornou duro demais a ponto de cair no dogmatismo. O pressuposto teórico de uma filosofia trágica nos dá o significado, construção e destruição como elementos constituidores de um mesmo processo.

Logo, o político não se opõe ao cultural, pois é político cultural. Música erudita não se rivaliza com música popular. O acadêmico e científico não negam o poético e artístico. Estas cisões são desnecessárias e dificultam ainda mais a aquisição de uma epistemologia como mínima apreensão do real. Nosso enfoque, mais aglutinador, afirmativo, que reativo, dicotômico e ressentido, tem como suporte de sustentação o próprio samba e sua história. Ou seja, o samba é a resposta que um europeu, dualistas e ressentidos cristãos como só eles, jamais conseguiriam dar. Porque a violência do colonizador sobre os povos africanos foi/é de tal magnitude que toda reação a esta



agressão não seria outra senão a vingança. O samba ultrapassa a noção de bem e mal combatendo a violência com arte, poesia e música. Assim, ali onde parece existir diversão, brincadeira, sensualismo e sensualidade e é isto mesmo o carnaval, uma torrente contestatória e subversiva dá o tom, confundindo o leitor ingênuo. A uns alienação, a outros pouca vergonha, a terceiros, dinheiro gasto atoa enquanto pessoas morrem nas portas dos hospitais, ainda a outros, música de péssima qualidade, barulho e falta de harmonia. Tantos comentários só nos diz o quanto o carnaval de sambas de enredo recruta afetos, questões, problemas. Quando *Exu* venceu o carnaval de 2022 com a Grande Rio não foi pouco o burburinho sobre o assunto. De um lado a fala de um desfile necessário e desmistificador, de outro fundamentalistas religiosos condenando o carnaval como templo de adoração do demônio. De qualquer modo, a ousadia carnavalesca desestabiliza o pronto, fura bolhas evangélicas, convoca a nossa sociedade refletir sobre o racismo, a história e a arte. E isto não é qualquer coisa!

### **Epistemologias e arranjos teóricos**

A subjetividade como um dentro oriundo, provavelmente, da insistência e popularização da psicanálise, além de insuficiente, é perigoso, pois individualiza o geral e coletiviza o particular. Ou seja, o capitalista se beneficia do coletivo de consumidores criando seus rebanhos sedentos pela aquisição de bens, ao mesmo tempo em que estigmatiza, individualmente, aqueles que não detêm poder de compra como perigosos, sujos, desagradáveis e descartáveis. Estes são excluídos porque não se esforçaram o suficiente, já o rebanho dos consumidores tem o mérito e as condições para compor um determinado coletivo. O excluído foi criado pela exploração de mais valia relativa e absoluta da economia capitalista, que precariza e desemprega para maximizar lucros, isto é, ele foi criado pela estrutura de funcionamento macroeconômica do país, particularizar a questão é, no mínimo, crueldade. E o mercado consumidor não se desenvolveu de forma autóctone, mas por intervenção do Estado na economia, qualificando mão de obra, criando incentivos fiscais para recrutamento de pessoal, emprestando dinheiro a baixíssimos juros para homens de negócios inescrupulosos e pouco zelosos com os interesses da nação e o bem-estar de sua gente, beneficiando uma



classe já bastante poderosa e endinheirada, que poderia muito bem caminhar sozinha com as suas próprias pernas, em detrimento do povo, bem mais necessitado.

O sujeito se constitui coletivamente. Diversos experimentos demonstraram que crianças perdidas ou abandonadas e criadas por animais, como lobos, não desenvolveram suas capacidades humanas mais básicas. Sem a sociedade, o sujeito não encontra a si mesmo, como o seu mais autêntico e singular. Neste sentido, gostaríamos de lembrar como determinadas psicologias, ao demarcar o indivíduo como personalidade, sujeito, comportamento observável, Curva Normal, gene, acaba fazendo o trabalho de justificação e, portanto, de subjetivação capitalística. Elencando nomes que tiram o compromisso das pessoas com a vida em sociedade, como meritocracia no sentido de que uma pessoa sozinha conseguir a sua máxima potência bastando querer; liberdade reduzida a comprar; igualdade como noção jurídica, não econômica, como uma mentira bem contada para legitimar os crimes da burguesia e punir as ações desesperadas dos pobres; autoestima e resiliência como dispor-se em marcha, apesar dos percalços; mobilidade social como promessa sacrossanta da terra prometida de uma economia que concentra, absurdamente, a riqueza; sucesso como uma carapaça de verossimilhanças para esconder o roubo legal, as sonegações de impostos, o endividamento do cartão de crédito, o vazio existencial de ser uma efêmera criatura, apesar de todo o *glamour* e luxuosidade.

Assim, a psicologia rivaliza-se com a sociologia. Esta, como estudo das sociedades, aquela como apreensão do psíquico, encapsulado em si mesmo numa interioridade impenetrável. Toda psicologia é social porque toda sociedade é de sujeitos no indivíduo, nunca particularizado absolutamente. Quando o singular do sujeito apresenta seu contingente necessário, o social interlocutor reage, combatendo, tolhendo, acolhendo. Na medida em que o social esmaga o sujeito, que ele se forja, destroçado, perfurado, em fragalhos. Logo, sociedade e indivíduo, este como sujeito psíquico, não se negam, mas se coadunam necessariamente em movimentos de colisão, coesão, destruição e construção. Por isso, as disciplinas acadêmicas sociologia e psicologia, jamais poderão se compor como tais, isoladas uma da outra.

Se sociologia e psicologia só são enquanto imbricadas, e se ambas são produtos humanos lançados na história, uma sociopsicologia aventa-se como intensificação



histórica: as três disciplinas, complementares e justapostas, como composição, jogo e conflito, exigem uma integração visceral e brutal, sem mais meias palavras, talvez, abolindo-se, inclusive, os seus nomes para que o movimento ganhe liberdade no real. O historiador, o psicólogo e o sociólogo, destituídos dos seus epítetos categorizadores, demarcadores de lugares de poder e controle social, conseguiriam agarrar pedaços deste fluxo intenso de um todo não fracionável.

A sociopsicologia histórica como mosaico de pedras advindas da destruição de seus choques internos vira um lindo quadro de encaixes pelo maestro do sentido, conhecido com o codinome de filósofo. A filosofia articula a totalidade sociopsíquica histórica num entendimento. Porém, quando o filósofo se perde no racionalismo puro, no dogmatismo e na busca da verdade, acaba erigindo edifícios gigantescos e duros, que servem mais para esconder o vazio de suas entranhas que para explicar o fenomenalismo das coisas. Neste sentido, a filosofia ao dar a liga do sentido, não como unívoco, eterno ou absoluto, mas provisório, fluido, pragmático, o faria, a nosso ver, como arte, experimentação, espírito livre.

O triângulo edípiano é muito pouco para uma literatura menor, para o samba. Porque o indivíduo coletiviza-se, se lança no todo, é o todo. Os conflitos familiares não são domésticos, compõe-se de nuances do político, da sociedade. Em *O Processo* de Kafka existe uma burocracia que o massacra K. como pessoa, ele perdeu-se de si para ser o próprio processo.

A terceira característica é que tudo toma um valor coletivo. Com efeito, precisamente porque os talentos não abundam numa literatura menor, as condições de uma enunciação individuada não são dadas, que seria a de um tal ou qual ‘mestre’, e poderia ser separada da enunciação coletiva (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37).

O samba reverbera uma esperança, um desejo de ser de outro modo, porque há um lirismo triste por trás da torrente musical, que enuncia o cotidiano violento, a cidade agitada com seu transporte público ineficiente, a violência policial, a falta de escolas e creches, o racismo. Os compositores, intérpretes, assistas, carnavalescos, compõe uma coesão do samba como multiplicidade social. Não se dimensiona um projeto qualquer, é muito grande, imenso, histórico, coletivo: se deve respeito a honra de Tia Ciata e



Donga, a velha guarda, a todos os seus antepassados, que mesmo sobre a alcunha da mais lancinante dor, não deixaram de usar qualquer recurso que fosse para gritar por liberdade: o samba é um pouco disso.

A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto uma outra história se agite nela. É nesse sentido que o triângulo familiar conecta-se aos outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, que determinam os valores deles (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 36).

O samba como enunciação coletiva, ainda tem singularidades, tão genuínas quanto espetaculares. Alguns, inclusive, não conseguem entender e atribuem a essa manobra de (re)existência de si e dos outros, uma alienação política, não coletiva, do sujeito. Ao contrário, diante do racismo, da demonização das religiões de matriz africana e da música de terreiro, da proibição de tocar violão, cavaquinho, pandeiro, como atribuições de “vagabundo”, diante do mais atroz crime hediondo praticado como sistema comercial, o tráfico de pessoas como escravizadas, eles nunca se resignaram diante do sofrimento, ao contrário, elaboraram respostas criativas e coletivas para continuar existindo quando nada mais fazia sentido. As respostas do povo preto deixaram e deixam o colonizador branco (aplica-se esse epíteto a intelectual branco, ainda incapaz de reler a história e a si mesmo como racistas) confuso, pois por que tanta alegria e leveza? Sentir-se alegre e trabalhar para promover isto nos outros não é algo irrisório, isto é a plenipotência de uma vida que (re)existe, toda, inteira, maravilhosa, para escândalo do covarde traficante de pessoas. Sorrir não é menor que se filiar a um partido político ou ao sindicato, é tão poderoso quanto, melhor seria aglutinar ambos. “[...] o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz é necessariamente político, mesmo que os outros não estejam de acordo. O campo político contaminou todo o enunciado” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37). É a literatura do samba que organiza esses dizeres como um canto cadenciado a contagiar o mundo todo de alegria e liberdade. Os movimentos de luta quilombola, *rapper*, *funk*, grafiteiro, de luta pela moradia, da reforma agrária, de combate ao extermínio da juventude preta, são vozes calorosas desta militância política. Todas elas focando no mesmo lugar, na luta por direitos, na luta por justiça. Mas os movimentos artísticos



conseguem alcançar, por outras vias, o público racista, os políticos, as elites, para fazer reverberar uma transformação, no plano da cultura, como processo de subjetivação de uma ação singular de um povo em luta. Chico César em *Reis do Agronegócio*, para dar um exemplo, promove agenciamentos de uma multiplicidade infinita fomentando microrrevoluções pessoais; sua poesia demarca fissuras no chão duro e maciço das certezas fascistas, sua revolução, enquanto articulação político estética, é mais profunda e duradoura.<sup>246</sup> “[...], é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37). Assim, a literatura, o samba enredo, tem uma função educativa, formacional, revolucionária e de promoção de alegria e felicidade, em lugares, que muitas vezes, o Estado é ausente e ineficaz, lembrando do território, apenas, para realização de operações policiais de combate ao tráfico de drogas, normalmente com muitas mortes.

A máquina literária toma assim o lugar de uma máquina revolucionária porvir, de modo algum por razões ideológicas, mas porque só ela é determinada a satisfazer as condições de uma enunciação coletiva que faltam por toda outra parte nesse meio: *a literatura é a tarefa do povo* (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37).

Mesmo nesta língua maior se faz um uso rebelde dela, como a desmascará-la de sua hipocrisia e convivência com o mal. Para fazer emergir de dentro de sua gramática os axiomas de sua contradição humanitária genocida. Os árabes franceses, os mexicanos estadunidenses, os brasileiros portugueses, os haitianos brasileiros, os tunisianos italianos, os indianos ingleses, jogam com a língua, a misturam, a enegrecem, a significam de um outro jeito. “Levar lentamente, progressivamente, a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). Os negros brasileiros de hoje fazem um uso particular do português, marcam a língua com a sua presença. Desde a falta de concordância, não como erro, mas como modo do falar popular, e também, para os policiais da sintaxe, como denúncia de uma educação formal bastante tosca oferecida aos pobres e negros; às palavras genuinamente africanas ou afro-brasileiras, como banto, acarajé, dendê, se tem

<sup>246</sup>Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=ml8A63W4Cgo>



um uso menor do lusitanismo como a desmascará-lo. “Mas o que é interessante, ainda, é a possibilidade de fazer um uso menor de sua própria língua, supondo que seja única, que ela seja uma língua maior ou o tenha sido. Ser em sua própria língua como um estrangeiro[...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). É esse uso menor que o samba faz, inscrevendo-se como estrangeiro em sua língua, porque as marcas do racismo afastam o negro deste pertencimento pleno ao português.

Vem brilhar, um dom divino  
 Na regência de Ifá, nasce o filho do destino  
 E com a Ilha travessa o mar  
 O navio é negreiro, ô ô ô  
 E na vinda vem os orixás  
 Pra surgir nossos terreiros  
 Na cultura Yorubá nagô, ô ô  
 Se entrega por inteiro  
 E se sagrou babalaô  
 Homem branco feiticeiro” (UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR,  
 1998).<sup>247</sup>

Machado de Assis escreveu numa língua maior, talvez no movimento do Romantismo para o Realismo, tenha feito um uso menor da língua. De qualquer modo, da língua maior algo resvala incontrolável como verborragia, grito, descontinuidades, falta de sentido, como a aloprar a rigurosidade dos acadêmicos. “Mesmo maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz escoar seguindo linhas de fuga criadoras, e que, ainda que lento, cauteloso, forma uma desterritorialização absoluta, desta vez.” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 52). A música do mesmo modo, mesmo grande, tem o poder de desterritorializar, de promover agenciamentos, rompendo com o purismo metafísico de uma contemplação eminentemente passiva e transcendental. Lá na música erudita existem linhas de fuga como desajuste na engrenagem. “Ele [Céline] falava da ‘pequena música’. Kafka também, é a pequena música, uma outra, mas sempre sons desterritorializados, uma linguagem que escapa de ponta a cabeça virando cambalhota” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 53). Destes usos menores ou mesmo, sopros dissonantes, no hegemônico estabelecido, que procuramos nos sambas enredos, no sentido de enfatizar o seu conteúdo desterritorializante e rebelde. A partir do próximo

<sup>247</sup>UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR. *Fatumbi Ilha de Todos Os Santos*. Composição: Almir Da Ilha / Marcio André / Mauricio 100. Rio de Janeiro: 1998. Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=htZAXgWW2vY>



tópico focaremos na análise de alguns sambas enredo para ajustar sua força como literatura menor.

### **Dois sambas de enredo da G.R.E.S. Unidos do Viradouro**

#### *Carnaval G.R.E.S. Unidos do Viradouro 2020*

O que as *Ganhadeiras de Itapuã* sinalizam são os cantos de trabalho realizados tanto por suas parentes antepassadas, quanto por outros escravizados no Brasil. Desumanizados pela brutalidade mais estúpida, o canto de trabalho erigia de forma (re)existente a humanidade de que lhes pretendiam tolher. A música para aliviar a dor, o peso do trabalho, a injustiça. Seja o canto alegre, ou o lamento lírico triste, o mundo violento e cruel fazia-se suportável. A vida mesmo destroçada, desconectada, escravizada, pela música, retraduzia sua profunda tristeza num motivo para ser. Se quis em algum momento proibir o canto, já não bastasse o absurdo da escravidão. Não se conseguiu. Primeiro pela impossibilidade material de realizar tal feito, o dispêndio de energia para silenciar milhares de trabalhadores escravizados seria tanta que a produção econômica ficaria em segundo plano, o que não fazia o menor sentido. Segundo, que o canto como recurso ao bem-estar destes trabalhadores acabava por beneficiar a produção. Isto não é para ser valorizado, definitivamente, porque o que as canções produziam pertenciam ao sujeito cantor, fazendo-lhe bem. Porém, esta melhor disponibilidade de si, mesmo diante do horror e do terrível, resultou em produção, ao invés do suicídio ou da depressão profunda paralisante.

Maria de Xindó (64 anos), através de uma entrevista, relatou com detalhes como era a vida de uma ganhadeira e como ela utilizava o canto para tornar a árdua vida do ganho em algo mais prazeroso. Eram músicas, como os cantos de trabalho, que serviram para amenizar os trabalhos pesados dos negros, especificamente no Brasil (berço do samba) (SORRENTINO, 2012, p. 216).

Saldando Oxum, a rainha da água doce, dona dos rios, lagos e cachoeiras, pede-se proteção para o povo da Lagoa do Abaeté, escravizadas, trabalhadoras de ganho, mulheres guerreiras e cantoras. O poder feminino da deusa e das lavadeiras, brilho,



beleza, ouro. Gente rica que faz da luta diária música, dança, teatro. Espetáculo de vida das cantoras que encenam a si mesmas no seu balé para combater o racismo, as desigualdades, os espíritos nefastos, cruéis, traiçoeiros.

Ó, mãe ensaboa, mãe  
 Ensaboa pra depois quarar(2x)

Ora Yê Yê Oxum, seu dourado tem axé  
 Faz o seu quilombo no Abaeté  
 Quem lava a alma dessa gente veste ouro  
 É Viradouro, é Viradouro(2x)(VIRADOURO, 2020).<sup>248</sup>

Abençoadas, levantam bem cedo para o trabalho. Lavar, pescar, produzir os quitutes, acarajé, cocadas. “Mainha, esses velhos areais/Onde nossas ancestrais/Acordavam as manhãs pra luta/Sentem cheiro de anjelim/E a doçura do quindim/Da bica de Itapuã”<sup>249</sup>. Comércio lucrativo importante para aquisição de algum capital para se comprar a alforria. Levavam seus produtos em gamelas sobre a cabeça caminhando por cerca de trinta quilômetros até Salvador. Ganho para o sustento da família, libertação do jugo e dos grilhões. Trabalhando, cantavam, entoavam seu cântico, de alívio, alegria, saudade. Música de mãe África, eterna, grande, resistiam, permaneciam na vida como alguém que desdenha de seu algoz.

Levanta, preta, que o Sol tá na janela  
 Leva a gamela pro xaréu do pescador  
 A alforria se conquista com o ganho  
 E o balaio é do tamanho do suor do seu amor (VIRADOURO, 2020).<sup>250</sup>

Os antigos areais da lavagem de roupa, areias branquíssimas, refúgio dos rebelados Malês, lugar de ancestrais tradições, do trabalho duro. Do chamado da

<sup>248</sup>VIRADOURO. *Viradouro de Alma Lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. **Rio de Janeiro, 2020. Ouça in:** <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>

<sup>249</sup>VIRADOURO. *Viradouro de Alma Lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. **Rio de Janeiro, 2020. Ouça in:** <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>

<sup>250</sup>VIRADOURO. *Viradouro de Alma Lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. **Rio de Janeiro, 2020. Ouça in:** <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>



freguesia pela música, batucada, candomblé. Oxum, batuque de terreiro, samba de roda, música popular brasileira. Religiosidade, festa, música, trabalho, tudo misturado em unidade, corpo, *pathos* sagrado, o profano sagrado, o sagrado profano. Lavagem das igrejas, purificação, momento de comunhão, partilha, mais música, cheiro, limpeza, colorido, sincretismo, liberdade. As crianças entrando neste mundo, real, místico, sofrido, alegre, educadas na música para perseverarem a memória de seus antepassados.

Camará ganhou a cidade  
 O erê herdou liberdade  
 Canto das Marias, Baixa do Dendê  
 Chama a freguesia pro batuquejê(2x)

São elas, dos anjos e das marés  
 Crioulas do balangandã, ô iaiá  
 Ciranda de roda, na beira do mar  
 Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar  
 Nas escadas da fé  
 É a voz da mulher (VIRADOURO, 2020).<sup>251</sup>

A injustiça dos homens marca a história das civilizações afro diaspóricas. Xangô erige seu machado de dois gumes, executor da justiça, determina os passos, desvenda os segredos da caminhada, eleva seus filhos a altura dos gloriosos e esplêndidos. Porque se são injustiçados os negros sequestrados em África, ainda mais são as mulheres. Marias de todo o Brasil representadas pelas ganhadeiras, que de sol a sol, não só compram a sua alforria, mas a comida de seus filhos, mães, irmãs. Muitas delas ajudando com o pouco que tem a comunidade ao redor, dentro do princípio de que o que Deus deu é para ser compartilhado, justiça, mesmo sem fartura, solidariedade e acolhimento, porque quem está um pouco melhor consegue cuidar de quem perdeu quase tudo.

Xangô ilumina a caminhada  
 A falange está formada, um coral cheio de amor  
 Kaô, o axé vem da Bahia

<sup>251</sup>VIRADOURO. *Viradouro de Alma Lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. **Rio de Janeiro, 2020. Ouça in:** <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>



Nessa negra cantoria  
Que Maria ensinou (VIRADOURO, 2020).<sup>252</sup>

O samba como musicalidade de terreiro demarca o universo religioso afro-brasileiro. O Brasil tem no samba o seu estandarte maior, caiu no gosto popular. É uma expressão cultural negra. Apesar das influências africanas, portuguesas, banto e indígenas, o samba que é um conjunto de muitas coisas, retém o significado identitário dos povos escravizados. Porque foi construído por eles para falar a seu modo sobre os processos de subjugação e dominação a que estavam submetidos. Se o samba de umbigada e de terreiro das ganhadeiras traz a realidade das mulheres, escravizadas de ganho do século XIX, o samba de enredo oriundos dos sambas de partido alto das casas de bamba nos bairros do centro do Rio, reviveram o trabalho pesado dos estivadores, serventes de pedreiro, pedreiros, desempregados, a violência policial, o contexto de abandono e desleixo após 1888, os sonhos de uma vida melhor.

Era o canto que ajudava a aliviar a vida árdua de ganhadeira e essa foi uma das principais lições para aqueles espectadores. Em determinado trecho do encontro, Amadeu falou da importância do encontro e do que representava o samba para o Brasil, enquanto mostrava o vídeo Yayá Masmemba, antes de cantar Samba da bênção<sup>253</sup>, de Vinícius de Moraes e Baden Powell (SORRENTINO, 2012, p. 238).

A resistência cultural não é, apenas, porque buscam recuperar um passado de escravidão, subjugação e silenciamento, através de uma música que por algum tempo fora proibida, como imoral e imprópria às pessoas da sociedade, para endossar sua política cultural antirracista; elas se esforçam também para conseguir ensaiar e fazer os *shows*. Pois trabalham, algumas em Salvador, outras em Itapuã, tendo que ter bastante força de vontade, se desdobrar em várias para produzir a sua arte. “Muitas trabalhavam até tarde, dificultando suas chegadas ao local e no horário marcado para os ensaios que ocorriam pelo menos duas vezes por semana” (SORRENTINO, 2012, p. 242). O cumprimento de horários eram difíceis graças a carga horária extenuante de trabalho.

<sup>252</sup>VIRADOURO. *Viradouro de Alma Lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. **Rio de Janeiro, 2020. Ouça in:** <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>

<sup>253</sup>Ouvir <https://www.youtube.com/watch?v=Fz0eddwTjnk>



Isto é, a música, de fato, repercutia positivamente nestas mulheres fazendo-as dedicar tempo de sono e descanso a mais uma tarefa. “Outras, que trabalhavam como baianas de acarajé, por exemplo, já eram mais assíduas, visto que como autônomas seus horários eram mais flexíveis, entretanto, chegavam aos ensaios tão cansadas quanto as demais.” (SORRENTINO, 2012, p. 242). Estes espaços de socialização, como ambiente de promoção de saúde mental, permitiam colocar na mesa para o debate, temas que, talvez, sequer fossem tocados em outros contextos. Logo, a condição da mulher num país machista e extremamente violento com elas, aparecia: por exemplo, o tema da violência doméstica. Pois as músicas trazem tais narrativas, muitas delas compostas por homens, atravessados pelo machismo estrutural, incapazes de perceber as mazelas de seu discurso. O alcoolismo destes homens os colocava na condição de sustentados por estas trabalhadoras, que sem saber o que fazer acabavam por ter de carregar mais este peso. Infiéis, mal-agraçados, pouco carinhosos e acolhedores, estes maridos estorvadores constituíam um problema que elas tinham que lidar, sem maiores ajudas, seja lá de quem for.

O ensaio continuou com uma discussão em defesa das mulheres, por ocasião das letras que falavam de modo jocoso sobre homens que maltratavam suas mulheres e sobre outras questões referentes aos problemas enfrentados pelas mulheres com relação a seus maridos alcoólatras, vadios, infiéis, etc. (SORRENTINO, 2012, p. 255).

As *Ganhadeiras de Itapuã* cantaram junto a *Banda Didá*. Composto somente por mulheres negras, a banda tinha por objetivo exaltar a presença da mulher na música. As mulheres sempre estiveram por aí fazendo música, grandes cantoras imortalizaram suas vozes no Brasil. Porém, ainda assim, há um papel coadjuvante, por exemplo, no manejo de instrumentos pesados ou como gritador no samba de enredos, às vezes, deixando-se às mulheres as vozes de fundo. A arte musical feminina não é uma ajuda aos grupos masculinos, ela é, genuinamente, uma arte como tal. Segue os *hiperlinks* para a escuta das músicas. É perceptível a força do som, as batidas, o canto. Tanto as *Ganhadeiras* quanto a *Banda Didá*, funcionam como meios de empoderamento feminino pela arte musical. É importante salientar como Salvador e Bahia tem uma produção cultural gigantesca, diversa, (re)existente, o passado sempre retomado. Todos estes grupos tomando a cena no carnaval, informando e formando pessoas.



A reunião iniciou com as ganhadeiras cantando as músicas do repertório para o show que iriam compartilhar com a Banda Didá<sup>254</sup> (um grupo de Salvador, só de mulheres negras que cantam e dançam no estilo afro). O grupo participou nos chamados ensaios da Banda Didá, no Projeto “Vem Prá Didá, Vem Pro Pelô”, uma iniciativa que, segundo seus idealizadores, buscava valorizar a presença da mulher na música e, a cada ensaio aberto (ao público, porém pago), apresentavam uma cantora convidada ou uma banda ou grupo musical feminino.[...] Atuantes contemporaneamente, seus integrantes representam o passado das escravas, pois, mesmo que de outro modo, muitas dessas atividades se perpetuam até os dias atuais, visto que ainda hoje há exploração de trabalho escravo feminino em algumas pairagens<sup>255</sup>, inclusive no Brasil. (SORRENTINO, 2012, p. 258).

As *Lavadeiras* entoavam o canto, uma espécie de indagação, pergunta, ponderação e outra respondia de algum ponto do areal. De modo similar desembolava-se o samba, um puxa a estrofe, tanto a frase musical quanto a frase poética e, alguém responde. Contudo, no coro das ganhadeiras, desde as lavadeiras, todo o procedimento era executado por mulheres. Com a criação do grupo, a figura do puxador de samba caracterizou-se masculina, o que indicava uma franca contradição. Porém, resolver o

<sup>254</sup> Ouvir [https://www.youtube.com/watch?v=m3eb-EQAs3Q&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f](https://www.youtube.com/watch?v=m3eb-EQAs3Q&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f) e [https://www.youtube.com/watch?v=w1RY6hyKJs&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=w1RY6hyKJs&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=2) e [https://www.youtube.com/watch?v=a-DX0EK3erg&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=a-DX0EK3erg&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=3) e [https://www.youtube.com/watch?v=fHCuOUrIH10&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=fHCuOUrIH10&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=4) e [https://www.youtube.com/watch?v=t00CLhuaqu8&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=t00CLhuaqu8&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=5) e [https://www.youtube.com/watch?v=w1-jRazv7c4&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=w1-jRazv7c4&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=6) e [https://www.youtube.com/watch?v=7s1uv6MkuwQ&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=7s1uv6MkuwQ&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=7) e [https://www.youtube.com/watch?v=GEmxB58P3iw&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=8](https://www.youtube.com/watch?v=GEmxB58P3iw&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=8) e [https://www.youtube.com/watch?v=Xoukwwetxxl&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=9](https://www.youtube.com/watch?v=Xoukwwetxxl&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=9) e [https://www.youtube.com/watch?v=xX7GmO5eBNU&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=10](https://www.youtube.com/watch?v=xX7GmO5eBNU&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=10) e [https://www.youtube.com/watch?v=DZy\\_5zwDtpw&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=11](https://www.youtube.com/watch?v=DZy_5zwDtpw&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=11) e [https://www.youtube.com/watch?v=T1ca7CuleQY&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=12](https://www.youtube.com/watch?v=T1ca7CuleQY&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=12) e [https://www.youtube.com/watch?v=zR43Gn-hThs&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=13](https://www.youtube.com/watch?v=zR43Gn-hThs&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=13) e [https://www.youtube.com/watch?v=OHBRssVx-DE&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=14](https://www.youtube.com/watch?v=OHBRssVx-DE&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=14) e [https://www.youtube.com/watch?v=44NfmrZc85c&list=PLzMahb9kN\\_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=15](https://www.youtube.com/watch?v=44NfmrZc85c&list=PLzMahb9kN_6Iu-hlyfaSAuhT4fgdXtW3f&index=15)

<sup>255</sup> A autora usa esta palavra mesma, que tem o sentido de lugar ou território.



problema não seria uma tarefa tão simples, pois o grupo acomodou-se a ter um homem puxando. Assim, a resolução passava por um treinamento para que as senhoras começassem o samba.

Ocorria, porém, que, desde a criação do grupo, devido ao formato e repertório cantado, as vozes deveriam ser distribuídas de modo a ter uma pessoa que “puxasse”, que iniciasse o samba, alternando com outras que respondessem. [...] Entretanto, como a “pergunta” ficava a cargo de um homem e a “resposta” era dada pelas vozes femininas, isso acabou acomodando-as a não aprenderem a iniciar as músicas do repertório, sempre esperando por alguém que “puxasse”. [...] as mulheres não criaram uma autonomia de aprenderem a “puxar” o samba e a cantar como solistas. (SORRENTINO, 2012, p. 265).

Vitoriosa, a Viradouro imortalizou-se com este seu bicampeonato. Da Bahia trouxera o axé, a potência criativa de mulheres fortes que mantiveram-se firmes de que a vida revigorar-se-ia num novo. O sofrimento, sempre colocado, desfigurado pela arte do canto, da música como experiência dionisíaca de embriaguez, reconduzia o existir numa existência nova, muito do mesmo permanecia, como um inédito político e artístico.

### *Carnaval G.R.E.S Unidos do Viradouro 2023*

A atividade bandeirante de penetração no território brasileiro, sequiosos por ouro e pela captura de ex-escravizados, que fugiram, acabou por, de fato, descobrir ouro no interior da Capitania do Espírito Santo, São Tomé e São Vicente. O contrabando se intensificando e a falta de controle da coroa portuguesa sobre as minas, a fez criar a província das Minas Gerais no intuito de melhorar a fiscalização e cobrança do quinto. Outra medida foi transferir a sede do Governo Geral de Salvador para a cidade do Rio de Janeiro intensificando a cobertura sobre os contrabandistas nos portos. Além disto, a economia sofreu um novo dinamismo. Se na primeira fase do Período Colonial, a economia açucareira efetivava o sistema agrário exportador, com as minas um comércio local ajudou a fomentar uma economia interna de insumos, carne, prestação de serviços, auferindo uma elite urbana, até então inexistente. O eixo econômico, em crise no Nordeste pela concorrência com o açúcar holandês, passou ao Sudeste, justificando ainda mais a transferência da capital. Esta primeira elite urbana brasileira dará



sustentação financeira ao desenvolvimento das artes, a pintura e escultura barrocas, assim como conduzirá seus filhos a Europa para estudar e seguir os negócios da família. Isto inclusive desembocará nos ideários independentistas, graças à influência das ideias Iluministas. Os poetas arcadistas, depois os românticos, tentarão invocar um sentimento de nação, pátria, país. Principalmente, depois de sucessivas cobranças do fisco, violentíssimas e deselegantes ao esnobismo desta elite mineradora. Destarte, Santa Rita Durão, grande poeta épico brasileira, coincidentemente, ou não, fazia parte da família que comprou Rosa Egipcíaca.

Rosa foi comprada por Dona Ana Garcês de Moraes "que estava neste tempo amancebada com Paulo Rodrigues Durão, e nesta mancebia continuou por anos, até que se casou com o mesmo, tendo-a sempre no seu serviço". Observe-se a enorme coincidência: Rosa foi escrava da mãe de Santa Rita Durão, e ela é que nos informa que, quando nasceu nosso grande poeta épico, sua mãe vivia "concubinada por portas adentro" como Sr. Durão. (MOTT, 1993, p. 26).

Santa Rita Durão esteve como parceiro do Marquês de Pombal na empreitada de expulsão dos jesuítas do território, haja vista seus interesses geoestratégicos escusos e a forte influência da laicidade Ilustrada sobre ambos. De qualquer modo, o desenvolvimento desta *intelligentsia*, não se deu por acaso, mas com os braços e pernas de negros escravizados.

No alto de um morrote à entrada do arraial, para quem vinha de Catas Altas, estava a Fazenda Cata Preta, cuja casa em ruínas tive ocasião de visitar em maio de 1987. Aí viveu Rosa, dos 14 aos 32 anos, entre 1733 e 1751. Essa casa, a sede da fazenda onde nasceu Santa Rita Durão, [...]. (MOTT, 1993, p. 29).

Escancarando a hipocrisia moral da elite brasileira, que fala de *liberdade, igualdade e fraternidade*, de um ponto de vista *escravocrata, desigual e violento*. A mesma contradição verificada no caso do Haiti e sua metrópole de Robespierre. Neste sentido, a construção de uma brasilidade, mesmo quando incluído os povos originários, é de uma perspectiva branca de que se fala, sendo os indígenas tratados ou como selvagens e primitivos ou como imagem idílica de um passado longínquo formador de um Brasil gigante. Com os negros é ainda pior, a indiferença como comportamento tenso para a manutenção de uma normalidade na colônia. A resistência paramilitar negra não foi trivial, os Malês como a marca mais estridente. A ação estratégico-militar



quilombola funcionava como abrigo aos refugiados políticos que conseguiram se livrar dos grilhões, assim como, armavam-se e preparavam-se para a guerra. A imagem de quilombos como Jardins do Éden, em que se encontrou a harmonia e a paz, é falsa. Os bandeirantes eram remunerados para recapturar estas pessoas, o clima de guerra e tensão política permanente, marcavam o interior da colônia. Isto é, tanto naquela época como hoje, as elites criavam mecanismos para não ver uma realidade violenta criada por elas mesmas, num sistema, ademais, atrasado e sujo: o Brasil foi o último país do mundo a acabar com a escravidão.

Foi grande colaborador de Pombal na justificação teológica da expulsão dos jesuítas de Portugal e seus domínios, ficando contudo mais famoso e conhecido pela posteridade como autor de *O Caramuru*, primeiro poeta épico a ter como inspiração uma lenda brasílica e tratar nossos índios como heróis nacionais (MOTT, 1993, p. 27).

A ala *Olho Grande* e a Ala *Mineração*<sup>256</sup> deram o ritmo das minas: ouro, contrabando, inflação, ambições. Não só isto, devassidão moral colocada em todos os patamares. Não que isto seja um problema, para época ou hoje, a questão é que o discurso moralista arrotado pelos magnânimos barões do ouro e os santíssimos sacerdotes do Senhor serviam mais para esconder o quanto estavam entregues às festas, à cachaça, às orgias, pederastias, e todos os pecados mais torpes que o dinheiro pode comprar. Ora, o conservadorismo bolsonarista neopentecostal tem a mesma prerrogativa de atacar o objeto, que na verdade é a fonte de seu desejo. O desejo do moralista é ser imoral, mas por temor do inferno, mais do que das leis, acaba impingindo o pecado na calada da noite, até o dia que o descobrem o mais franco sodomita. O cristão típico não comete o ato tido como errado porque tem autonomia para outorgar a si uma ética capaz de avaliar o certo e o errado. Não o faz, porque sabe do agente punidor, a Inquisição, o fogo do inferno, o burburinho de feira de uma sociedade fofoqueira e entediada, sedenta por falar da vida dos outros. Colocando as coisas em termos materialistas, o importante é apresentar-se como santo na dita sociedade de boa gente, com isto se obtém vantagens. Ou seja, o pecado acontecia indecorosamente nas minas, já que a fiscalização, tanto da Sé, também corrupta, quanto da sociedade, bastante devassa,

<sup>256</sup>ver <https://globoplay.globo.com/v/11386072/?s=0s>



aglutinavam uma certa permissividade velada. Neste bojo a prostituição dava a temperatura da Sodoma e Gomorra brasileira.

[...] a: num total de 423 pessoas denunciadas em 8 freguesias mineiras na Devassa de 1734, 95,2% das acusações incidiam sobre desvios na moral sexual familiar, incluindo, além da mancebia inúmeros casos de incesto, bigamia, meretrício, alcovitice tratos e amizades ilícitas, etc. [...] —isto é, mantido relações sexuais com o mesmo, vivendo Rosa em casa de uma mulher amancebada, barregã do Capitão Durão, no meio de uma multidão de escravos machos e homens livres sequiosos de sexo, em pouco tempo a adolescente Courana "cai na vida". [...] Quer dizer, desde que chegou nas Minas, em 1733, até às primeiras manifestações diabólicas e sua conversão, em 1748— ,portanto, por quinze anos seguidos —, Rosa Courana viverá como prostituta. (MOTT, 1993, p. 33-34).

A prostituição comprou a alforria de muitas mulheres, já que parte dos recursos adquiridos pelo serviço prestado ficava com a mulher, mesmo escravizada. Além do que, era plenamente possível esconder e extraviar grandes quantidades de ouro, já que detém grande valor e tamanho bem reduzido. Algumas destas mulheres ascendiam socialmente adquirindo bens e independência. Não foi diferente com Rosa Egipcíaca, que não conseguiu comprar a sua liberdade, pois deu seus recursos aos pobres. O argumento leviano de alguns racistas nos dias atuais na intenção de desqualificar a luta dos povos pretos, assim como as políticas afirmativas e assistencialistas, levantando o dado de que pessoas libertas acabavam por comprar escravos, não se justifica como um *menos*. Ascensão social nesta época significava obter mão de obra escravizada para servir a este novo rico. Porém, perceba a esperteza vil do branco racista, quem perseverou neste sistema desumano por séculos foram os portugueses e seus latifundiários proprietários de terra na colônia, mas quando uma pessoa alforriada comprava escravos, ela passa a ser responsável por todo esse sistema de crueldade, deslegitimando qualquer reparação histórica por quase quatrocentos de escravização.

Tantos homens solteiros, pouquíssimas mulheres disponíveis, muito ouro e diamante correndo clandestinamente: o ambiente era de todo favorável ao comércio sexual. A quantidade de africanas e crioulas que em pouco tempo se alforriavam, algumas chegando a possuir avultado cabedal, passando até à categoria de proprietárias de escravos, sugere-nos quão desenvolvido foi o negócio prostitucional na zona aurífera, [...] (MOTT, 1993, p. 40).



A autoridade eclesiástica, pomposa e espalhafatosa, com o seu comportamento artificial, pouco habilidoso, teve que se adaptar a novidade brasileira. Primeiro, porque o cristianismo não sairia ileso diante de uma enormidade de expressões religiosas oriundas tanto das culturas africanas quanto das indígenas. Além de uma repulsa, uma zombaria com o credo da Sé, isto porque a repressão da Igreja estava distante. O ambiente de permissividade e imoralidade afrouxava as contenções aos desejos internos mais latentes, as palavras fazendo-se ouvir. Não que fossem uma teoria ateia, mas um incômodo com algo completamente estranho, imposto a realidade brasileira como fé. As blasfêmias e heresias pareciam mais comuns do que se imagina.

Mais irreverente e imoral foi o mineiro João de Sousa Tavares, morador nas faisqueiras de Paracatu, local de grande concentração de negros da etnia courá, que, além de duvidar da presença de Jesus Cristo na hóstia consagrada, dizia a quantos quisessem ouvir que a maçã do paraíso "era as partes pudendas de Eva, e que Deus proibira Adão de comê-la..."<sup>257</sup> (MOTT, 1993, p. 37).

O carro no desfile, a *fazenda Cata Preta*, fez a transição de Rosa meretriz para beata. Frente dele, bordel, atrás, visões espirituais, sem mais a vida do meretrício. Toda a sua riqueza adquirida com o trabalho fora entregue aos pobres, assim como um sentimento de culpa e autoflagelo lhe afligiam a alma. Enlouquecimento, o medo da punição do inferno. Realizar algo para a sua redenção. Reconhecendo sua vida em pecado mais torpe, iniciou uma longa travessia para a conquista de sua purificação espiritual. A exemplo dos santos, se fez pobre: a pobreza é mais digna que a riqueza proveniente do dinheiro sujo e nefasto. Cada vez mais presente se tornam suas visões e o contato com o mundo invisível. Deus lhe a suspirar seus anseios ao ouvido da santa. Esse Deus talvez fosse o padre Xota Diabos, ou o demônio possuindo-lhe. Mas a Igreja já condenou a fogueira muitos que ouviam vozes acusando-lhes possessão para depois enfatizar que era Deus o arauto de tais sortilégios.

Apesar de sentir-se "sumamente vexada pelos estímulos da sensualidade", aos 31 anos Rosa segue o conselho celestial recebido em

<sup>257</sup> ANTT, Caderno do Promotor n° 130 (1775).



visão: imitando São Francisco de Assis e Santa Margarida de Cortona (século XIII), distribui entre os pobres todo o ouro e vestidos que tinha adquirido com sua "vida lasciva". (MOTT, 1993, p. 42).

O modo de fazer oposição como confrontação direta não aquiesce nem quando a polarização encontra-se no jogo capitalismo versus socialismo. Um modelo e outro não são capazes de enquadrar a vida. Os modos de fazer existir assimilam-se a engrenagem para dela instalar fissuras, rachaduras, condições de ser. Dizemos isto porque a aparelhagem tese e antítese parecem sugerir que a suplantação de uma pela outra, resolve-se numa síntese. A antítese compõe-se dos mesmos átomos da tese, sua divergência é aparente ou ressentida, olhando para o outro como inimigo, porque no fundo confronta-se consigo mesma. No modelo escravagista brasileiro, os escravizados não perfaziam como estratégia, apenas, a luta direta, mas micro resistiam, (re)existiam, aprendendo a observar o comportamento dos brancos para se infiltrar, adaptando-se, ao mesmo tempo, existindo, simultaneamente, resistindo. O novo político social brasileiro é completamente distinto do de qualquer outro lugar. Por sua especificidade, em termos positivos e potentes, quanto negativos, impotentes, resignados e/ou alienantes, que uma produção intelectual genuinamente brasileira, com a elaboração de conceitos próprios, se faz necessária. Realizada não só por brancos, nem só pelo Estado fundador do sentimento nacional, nem só por negros e indígenas, mas por uma coletividade pensante para uma leitura o mais diversificada possível no intuito de movimentar o debate.

Se as negras minas eram reputadas como inteligentes, afáveis, rápidas na assimilação dos modos civilizados, as da nação corá distinguem-se ainda mais pela capacidade de liderança e astúcia com que se apropriam de certos elementos-chaves do mundo dos brancos, notadamente do universo religioso. (MOTT, 1993, p. 76).

Surto ou possessão demoníaca, o que se sabe é que Rosa teve mais um de seus momentos, em plena igreja matriz, com um pregador não habituado ao seu temperamento. A afrontosa intemperança da beata, motivo para burburinho de toda a alta sociedade na sua polidez subserviente e interesseira, a colocou dentro da prisão e teve como punição o pelourinho.



Na manhã do mesmo dia Rosa vai sofrer a maior dor de toda sua vida: “por sentença que teve sobre suas culpas, foi levada em uma corrente ao pescoço para o lugar em que estava um poste, aonde a ataram, e dois pretos lhe deram muitos açoites para que dissesse que não era vexada. (MOTT, 1993, p. 106).

Os suplícios, ou o descarregamento desproporcional da força do Estado sobre o indivíduo transgressor, realizavam-se, tanto na Europa, na qual Foucault dedicou-se em *Vigiar e Punir*, quanto no Brasil. Além do uso sádico com o prazer em fazer sofrer e a espetacularização do exercício de punir, havia a intenção de mostrar para dar de exemplo. Principalmente, os desprivilegiados, trabalhadores negros escravizados, tinham o corpo açoitado por mando dos brancos como a marcar os seus desvios, a serem corrigidos e não repetidos, tanto pelo agredido quanto por outros. Esta lógica, ainda é bastante comum no discurso popular, de que a dureza das leis e o rigor como violência na sua implantação, fariam o futuro criminoso pensar duas vezes. Entretanto, outras nuances, além do medo, podem interferir na atitude delituosa. A pobreza, os bairros mal estruturados, sem redes de saneamento básico mínimas, a dificuldade de aquisição ou apreciação de bens culturais, ausência de escolas, bibliotecas, as doenças e o desleixo do Estado com relação às pessoas em vulnerabilidade social, a vontade de vingança dada as injustiças mais absurdas, como a escravização de pessoas, a falta de todo tipo de políticas públicas para estes flagelados, assim como o desrespeito a sua humanidade, mesmo depois de 1888, tudo isto, mas não necessariamente, contribuem para uma desvirtuabilidade legal; muito antes que uma atribuição metafísica como uma maldade como agente potencializador da natureza humana: destrutiva, cruel e covarde. Países menos desiguais tem taxas de crimes bem mais reduzidas, e as leis, inclusive, são muito mais permissivas, brandas e frouxas, que no Brasil, sendo o cuidado com o seu povo mais criterioso, engajado e sério.

Pudera: em plena Matriz do Pilar, com o templo cheio da fina-flor da sociedade do Rio das Mortes, uma escrava africana tem a ousadia de fazer apartes diabólicos ao pregador visitante, roubando para si a atenção dos fiéis que, por direito, toda pertencia ao barbadinho missionário. Oh céus! Assim também era demais! [...] Por isso, Rosa é sumariamente arrastada para fora da igreja e trancafiada na Cadeia Pública. (MOTT, 1993, p. 97).



Assim, atravessou a Marquês de Sapucaí a G.R.E.S. Unidos do Viradouro, contando a história de uma mulher negra, escravizada, prostituída, feiticeira que receberá, ainda, a alcunha de santa do Brasil. A estratégia discursiva do carnavalesco Tarsísio Zanon pretende restaurar o passado de pessoas que tiveram suas histórias apagadas. A partir a leitura do antropólogo, Luiz Mott, considerou justo e necessário, transformar a vida de Rosa Maria Egipcíaca de Vera Cruz em samba de enredo. Tentando fazer um uso menor da língua, nesta língua maior, a dos portugueses. Construindo uma literatura menor, não porque seja pequena, mas porque tem no político um traço fundamental.

### **Considerações Finais**

Os carnavais da G.R.E.S. Unidos do Viradouro de 2020 e 2023 são bons exemplos de como categorizar a literatura de sambas de enredo como literatura menor. Diante das limitações de um artigo não é possível ir mais a fundo, mas outros exemplos são dignos de atenção como, por exemplo: os carnavais campeões da Viradouro de 2024 e de 1997, os da Beija-flor de 2018, 1989 e 1983, da Grande Rio de 2022 ou o da Ilha do Governador de 1998. Estes são alguns poucos exemplos, a lista se estende ao nível da necessidade de um trabalho mais demorado e profundo sobre o conteúdo literário, político, musical e plástico da obra de arte sambista.

Ora, a literatura menor se impõe como recurso analítico por carregar noções de língua menor, de tudo é político, de literatura como algo do povo, de falar uma língua estrangeira na sua própria língua. Elementos todos eles presentes na poesia sambística. Não é a toa que o próprio cânone literário não trata com o devido respeito este tipo de literatura, popular demais, talvez. O que demonstra o caráter transgressor dos sambas de enredo do carnaval do Rio de Janeiro. Apesar dos processos de captura, as escolas de samba, assim como seus componentes, moradores dos morros, (re)existem, fazendo sua voz valer como microrresistência.

### **Referências Bibliográficas:**

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *Raízes – Resistência histórica*. Roteiro, Joaçaba, v. 44, n. 2, p. 1-6, maio/ago. 2019.



- ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; DUPRET, Leila. *Entre Atabaques, Sambas e Orixás*. Revista Brasileira de Estudos da Canção RBEC, n.5, jan-jun 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34: São Paulo, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: Por uma literatura menor*. Imago: Rio de Janeiro, 1975.
- FREIRE, Paulo. *A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*. Papirus: Campinas, 1990.
- GUATTARI Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Vozes: Petrópolis, 1996.
- KAECKE, Janaína de Moraes. *O Sujeito na Quebrada do Samba*. Ponto Urbe, 13, 2013.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo : Selo Negro, 2011.
- MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de; ANDRADE, Regina Gloria Nunes. *Mangueira: a cultura comunitária e o Centro Cultural Cartola*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(2), São João del-Rei, julho/dezembro 2015.
- MOURA, Roberto. *TIA CIATA e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- NAPOLITANO, Marcos. *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIGRI, Bruno Silva; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *O Samba no Contexto do Candomblé Festa, Mito e Sacralidade como Experiências de lazer*. Licere, Belo Horizonte, v.18, n.3, set/2015, p. 279.



PARES, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente: Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SILVA, Samuel Cavalcante da. *Modos de subjetivação e constituição do sujeito professor na literatura de autoajuda*. Linguagem – Estudos e Pesquisas, Catalão, vol. 14, n. 2 – 2010.

SILVA, Alice Maia Casimiro da; SILVA, Gabriele Gonçalves da; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *Por uma leitura literária de experiências estéticas e recepções culturais do samba no rio de janeiro: história, concepções e crítica*. Revista Philologus, Ano 25, Nº 74. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2019.

SILVA, Mozart Linhares da; ROSA, Camila Francisca da. *Sujeitos e culturas governadas: o negro e o carnaval em Santa Cruz do Sul*. XIII Encontro Estadual de História da ANPUH, UNISC: Santa Cruz do Sul, 2016.